



**Secretaria de Estado da Educação  
Superintendência da Educação  
Departamento de Políticas e Programas  
Educativos**



**PRODUÇÃO DIDÁTICO – PEDAGÓGICO**

**MIRIAM DE FATIMA FERREIRA**

**“A COSMOLOGIA DO CANDOMBLÉ”**

**MARINGÁ – PR**

**2008**

## **1. IDENTIFICAÇÃO**

1.1 NRE: UMUARAMA

1.2 MUNICÍPIO: IPORÃ

1.3 NOME DO PROFESSOR PDE: MIRIAM DE FATIMA FERREIRA

1.4 ÁREA/DISCIPLINA: HISTÓRIA

1.5 PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ HENRIQUE ROLLO  
GONÇALVES

## **2. UNIDADE DIDÁTICA**

Desenvolvida por meio do Programa de Desenvolvimento educacional – PDE, na área de História, com o tema de intervenção pedagógica – A Cosmologia do Candomblé.

## **”A COSMOLOGIA DO CANDOMBLÉ”**

### **INTRODUÇÃO**

O continente africano apresenta uma aparente unidade geográfica, mas revela, por outro lado, uma grande diversidade étnica, social e cultural. Por isso, não se deve necessariamente estabelecer generalizações tidas como válidas para toda a região africana a partir da análise de umas poucas formas de organização tribal, mesmo que estejam marcadas por traços culturais em comum.

Quando se fala em religiões africanas, especialmente aquelas que, no passado, os antropólogos e historiadores chamavam de “primitivas”, uma certa tradição no ocidente associa-as num todo unitário. Entretanto, sob a aparente unidade, mal se disfarça uma extrema diversidade. Animismo, práticas mágicas e rituais só adquirem significado preciso na multiplicidade da experiência religiosa africana, quando relacionadas à organização tribal.

Outra crença, igualmente difundida, é a de que os sistemas religiosos “primitivos” têm natureza basicamente diversa da experiência vivida pelas grandes religiões universais. Entretanto, em muitas religiões africanas encontram-se, frequentemente elaboradas, construções abstratas e uma intensa espiritualidade, como a que se expressa na idéia de um deus incriado e criador.

Assim, apesar da influência islâmica – mais do que a cristã, distinguem-se igualmente nesses grupos / tribos sistemas religiosos que preservam formas tradicionais de organização. Embora apresentem muitos pontos em comum, essas religiões assumem facetas próprias em cada região.

A adoração dos antepassados tem sido uma das características mais universais das religiões africanas “primitivas”, relacionando-se com um problema fundamental na vida de qualquer grupo humano: a mortalidade. Entretanto, os rituais que acompanham esse culto assumem forma particular em cada tribo.

É interessante notar que duas noções, presentes nos grandes sistemas religiosos tanto do Ocidente quanto do Oriente, desempenham importante função no pensamento místico da maioria das religiões africanas: as relativas ao destino e à

justiça divina. Por exemplo: os iorubas associam o desempenho, bem ou mau, de uma pessoa, a seu destino. Assim, um homem pode dedicar-se com afinco ao trabalho e, no entanto, permanecer pobre, se assim determinar a sua “sorte”. A má sorte não afetaria apenas seu possuidor mas a todos aqueles que a ele estão ligados.

Alguns grupos étnicos africanos vindos para a América como escravos negros no período colonial, conseguiram manter a própria tradição cultural através da religião. Suas manifestações religiosas eram geralmente aceitas pelos brancos, que consideravam uma forma particular de assimilação do Catolicismo. Assim, através do Candomblé, a religião africana primitiva pôde sobreviver e mesmo se expandir, funcionando como contracultura em face da cultura dominante.

Neste material busquei consolidar os esforços teórico-metodológicos da oralidade tribal africana (como o de nação ioruba) no sentido de uma memória depositária acumulativa de valores civilizatórios e seus conteúdos teológicos e filosóficos, bem como a transmissão desse conhecimento passado de geração a geração nas diversas denominações étnicas de cultos, como o Candomblé, expressa nas comunidades-terreiros tradicionais no Brasil.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA/REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Por meio das Diretrizes Curriculares para o ensino de História, busca-se suscitar reflexões a respeito de aspectos políticos, econômicos e culturais, sociais, e das relações entre o ensino da disciplina e a produção do conhecimento histórico.

Neste documento, (DCE), a organização do currículo para o ensino de História tem como referência os conteúdos estruturantes, entendidos como conhecimentos que aproximam e organizam os campos de História e seus objetos.

Os conteúdos estruturantes: relações de Trabalho; relações de Poder; relações Culturais podem ser identificados no processo histórico da constituição da disciplina e no referencial teórico que sustenta a investigação histórica.

Pode-se afirmar, a partir disto, que os conteúdos estruturantes são imprescindíveis para o ensino de história, pois são entendidos como fundamentais na organização curricular e são a materialização desse pensamento histórico. Estes

conteúdos estruturantes são carregados de significados, os quais delimitam e selecionam os conteúdos e os temas históricos.

Por meio destes conteúdos estruturantes, as relações Culturais para o estudo da temática proposta pela problematização do Projeto de Intervenção na Escola; consiste em um recorte da presença de elementos e rituais das culturas de matriz Africana expressa através das Comunidades-Terreiros; ou seja; os Cultos Afros – um conjunto de significados que os homens afro-descendentes conferiram à sua realidade para explicar a visão do mundo africano.

Sob uma perspectiva de inclusão social, é essencial que a influência africana na cultura brasileira tenha o mesmo valor e contribuição de outros povos, proporcionando integração e conscientização que formamos um todo pela soma das diversidades. E assim, conforme a demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10.639/03, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

### **A Questão da Procedência dos Africanos para o Brasil:**

A África é o berço de um leque diverso de culturas humanas. Praticamente não se pode falar de algo que seja genuíno ou universalmente africano; isto é; ela difere em várias sociedade patrilineares e matrilineares às organizações políticas que vão dos impérios e reinos teocráticos até às repúblicas democraticamente constituídas, enquanto os seus sistemas sociais vão de sociedades estratificadas que praticam a escravidão à comunidade sem classes.

Entre as principais etnias negras que vieram para o Brasil estão:

- Sudaneses –(África Ocidental) – abrangendo os territórios da Nigéria; Benin(ex-Daomé) e Togo. Ainda os sudaneses podem ser organizados em vários grupos subdivididos em pequenas nações como: lorubas ou Nagô (subdivididos em kêto, ijexá, egbá, etc.) Jeje (subdivididos em ewe ou fon) Fanti-ashanti Nações Islamizadas (haussá; tapa; peul; fula e mandinga)
- Bantos – (Sul Africano) – provenientes dos territórios do Congo; Angola (subgrupos de caçanjes, benguelas, e outros), e Moçambique.

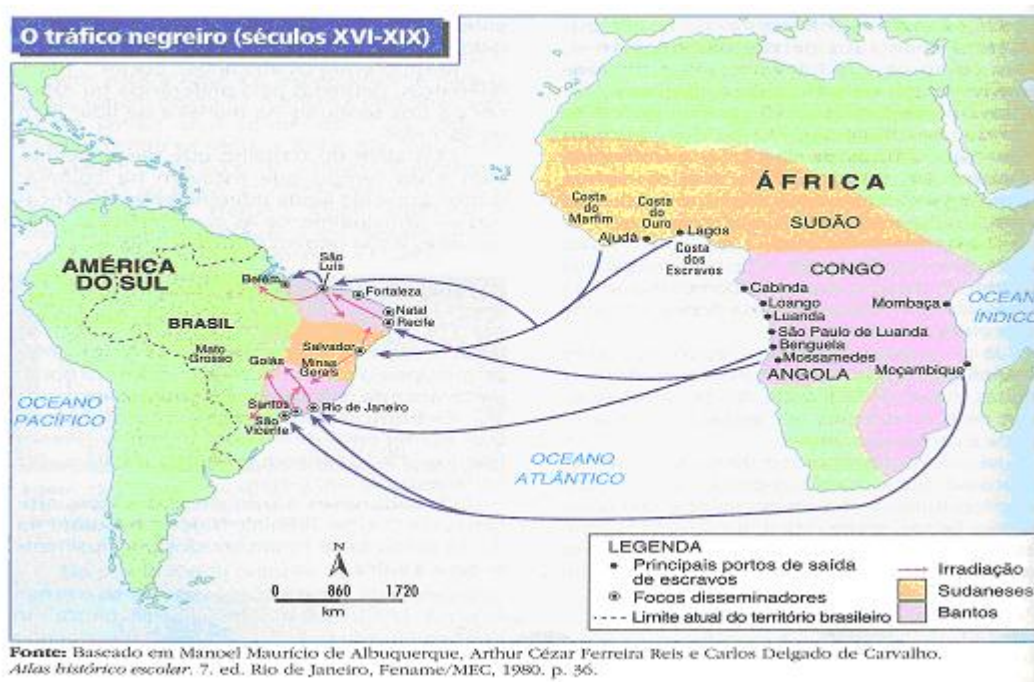


Figura 1: Mapa - O Tráfico Negreiro (Séc. XVI-XIX)

Outra característica cultural genericamente difundida é a religião baseada no culto dos antepassados e divindades (os orixás, voduns e inquices). Este tipo de crença torna-se patente, sobretudo entre os falantes de línguas níger-congo e os povos influenciados por eles. Em certos casos, como entre os iorubas da Nigéria, a elevação de algum antepassado de estirpe real ou de algum herói a uma categoria elevada especial conferiu à religião básica, centrada no culto aos antepassados, a dimensão de uma espécie de politeísmo. E ainda dentro deste leque cultural há os africanos cristianizados ou islamizados. Portanto, não há como definir o culto do Candomblé, como culto de matriz africana, mas como identificação de nações étnicas africanas, a exemplo dos iorubas.

### O Berço Religioso dos Iorubas -"Ilê-Ifé"- Constituinte da Cosmologia do Candomblé:

A origem social dos povos iorubas/ ou nagô (kêto, ijexá, egbá, ifé, entre outros) ainda é um mistério e é difícil chegar-se a uma conclusão final. Como não existem registros escritos pelos antepassados dos iorubas, somente através da

tradição oral do “mito iorubano” narrado sobre a origem do mundo – Ilê-Ifé, é possível perceber o valor da oralidade no sentido de preservação de uma memória religiosa/teológica passado de geração à geração.

Alguns historiadores africanos e africanistas em seus estudos, procuram explicar a origem social dos povos iorubas; com sustenta o historiador Adéoyè, que os iorubas vieram do leste com Odudua, até Ilê-Ifé, já reconhecido pelo nome ioruba. Já o historiador Atânda em seus estudos afirma que foi de Ilê-Ifé, que os iorubas partiram para outras regiões da África Ocidental, ocupando uma vasta área a sudeste da Nigéria; regiões de Daomé (atual Benin); do Togo; Costa do Ouro (atual Gana) e Serra Leoa. Essa região ficou conhecida com terra dos iorubas.

Entre as mais variantes procedências dos iorubas, o mais comum, é a explicação através do mito iorubano, segundo o qual o mundo, e não apenas a monarquia, representada pelo obá Odudua foi criado em Ilê-Ifé (Terra) por Olodumaré/e ou Olorum (deus criador). Ilê-Ifé teria sido o umbigo do universo, a fonte de todas as coisas, o lugar de onde os homens se espalharam sobre a terra. No império dos iorubas, os obas continuariam a ir buscar os símbolos: adés (coroas de contas com franjas que cobrem o rosto) que os legitimavam; e cada um dos orixás (ori=cabeça; xás=exclusivo) conhecidos tinha permanentemente um chefe político a seu serviço.

[...] diz-se que Olodumaré ou Olorum, o deus supremo, lançou, do céu até as águas ou pântanos que lhe ficavam abaixo, uma corrente, pela qual fez descer Odudua, com um pouco de terra num saco ou numa concha de caracol, uma galinha e um dendezeiro. Odudua derramou sobre a água a terra, e nesta colocou a palmeira e a ave. A galinha começou imediatamente a ciscar o solo e a espalhá-lo aumentando cada vez mais a extensão da terra. Daí o nome que tomou o lugar onde isto se deu: Ifé, o que é vasto, o que se alarga. (SILVA, 1996, p. 453)



Figura 2: Adé de Oduduá



Figura 3: Adé de Bayánni - Iorubá

Dentre as influências africanas que se recriam, as Comunidades-Terreiros do Candomblé, é certamente um dos campos, onde as referências étnicas africanas aparecem de maneira significativa, formando um infinito mosaico de presenças e contribuições, constituindo em diferentes manifestações populares brasileiras como: as casas de culto aos orixás, denominado de Candomblé Kêtu ( relativos aos iorubas da Nigéria e do Benin); inquices (Candomblé Angola); ou voduns (Tambor de Mina, relativo ao povo do Daomé, no Benin).

[...] as Comunidades-Terreiros se sedimentam enquanto localização espacial, constituindo a comunalidade, “espaço de preservação, expansão e continuidade dos valores sagrados que constituem a visão de mundo africano-brasileiro, expressa através do culto aos orixás e/ou aos ancestrais (LUZ, 1997, p.199), marcadas fortemente pelos ritmos, toques, danças, sons, rodopios e gestos vindos da África. (II SIMPÓSIO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA, 2007)

A estrutura religiosa dos iorubas forneceu ao Candomblé sua infra-estrutura de organização, influenciada pelas contribuições dos demais grupos étnicos. O Candomblé assume, então, a função de preservação de uma memória reveladora de nações étnicas africanas ou já elaboradas com afro-brasileiras.

A identidade do Candomblé segue soluções étnicas chamadas de nações de Candomblé, como: Nação Kêtu-Nagô (ioruba); Nação Jexá ou Ijexá (iorubá); Nação Jeje (fon); Nação Angola (banto) entre outras, agrupados a partir de semelhanças culturais e principalmente lingüísticas.

Nesse quadro, destaca-se o modelo de Candomblé de Nação Kêtu-Nagô (ioruba), por reunir em seu panteão o culto aos orixás, mais populares aqui no Brasil e mais próximo do ideal politeísta de alguns povos africanos.



Figura 4 : Adé usado no Candomblé

Segundo a concepção do Candomblé, quem governa um axé (força vital), um terreiro, o orixá fundador daquela Casa de Santo. Na sucessão, acredita-se que é esse orixá quem escolhe a nova mãe-de-santo (ialorixá) ou novo pai-de-santo (babalorixá) e que sua vontade se manifesta por meio do jogo de búzios, numa cerimônia presidida por um sacerdote do oráculo, o oluô e/ou babalaô, Que olha os búzios e interpreta a vontade







**Figura 5: Início de uma sessão de Candomblé**

do orixá, e que é especialmente convidado para tão delicada mediação. O povo-de-santo de outros terreiros que legitimam a sucessão.

[...] Acredita-se, no Candomblé, que todos somos filhos de orixás. Os principais são: orixá da “frente” (de quem se diz que é filho) e o orixá de “trás” (conhecido com segundo santo ou juntó). Daí o pai-de-santo ou mãe-de-santo tocar com a mão a testa e a nuca quando quer saudar essas entidades respectivamente. Esses dois orixás formam um casal que protege seu filho-de-santo com se fossem pai e mãe. Outros orixás complementares também compõem com estes principais o “enredo de santo” do filho, totalizando um número que não passa de sete na maioria dos terreiros. Finalmente, o erê, o espírito infantil, fecha o panteão pessoal no Candomblé. Para uma pessoa saber a que deus (orixá) pertence deve consultar o jogo de búzios, principal oráculo da religião. (REVISTA HISTÓRIA VIVA – CULTOS AFROS, p. 20, 2007)

**Principais divindades Afros - suas características, preferências, regência e paralelismo católico:**

Orixá (rito-Nagô)	Santos Católicos	Elemento	Características	Local de Culto
	Demônio	Fogo	Mensageiro; Comunicação; Fecundidade; Zombaria e Vingança	Encruzilhada Cemitério
	Santo Antônio(BA) São Jorge(RJ)	Fogo	Metalurgia; Guerra; Violência;	Estrada e Caminho

<p>Xangô</p> 	<p>São Jerônimo São Pedro</p>	<p>Fogo (raio, trovão)</p>	<p>Chefia; Realeza; Justiça; Virilidade</p>	<p>Pedreira</p>
<p>Iansã</p> 	<p>Santa Bárbara</p>	<p>Fogo (raio, vento e tempestade)</p>	<p>Metalurgia; Guerra; Ritos fúnebres Sensualidade; Domínio sobre os mortos</p>	<p>Cemitérios</p>
<p>Oxossi</p> 	<p>São Miguel (PE) São Jorge (BA) São Sebastião (RJ)</p>	<p>Terra</p>	<p>Agilidade; Virilidade</p>	<p>Mata</p>
<p>Obaluaiê</p> 	<p>São Roque São Lázaro</p>	<p>Terra</p>	<p>Medicina; Saúde; Epidemia; Morte</p>	<p>Cemitérios</p>
<p>Ossaim</p> 	<p>São Benedito São Roque São Jorge</p>	<p>Terra</p>	<p>Medicina; Saúde; Doença</p>	<p>Mata</p>
<p>Oxumarê</p> 	<p>Bartolomeu</p>	<p>Água e Ar</p>	<p>Mensageiro; Comunicação; Transformação; Crescimento</p>	<p>Poço</p>

<p>Nanã</p> 	Santa Ana	Água e Terra	Procriação; Comunicação; Ancestralidade; Ritos fúnebres	Lama
<p>Oxum</p> 	N.Sra.das Candeias N.Sra.da Conceição N.Sra. Aparecida	Água doce	criação; Riqueza; Feminilidade; Fertilidade	Rios, lagos e Cachoeiras
<p>Iemanjá</p> 	N.Sra.da Conceição N.Sra.dos Navegantes	Água salgada	Procriação; Riqueza; Fertilidade	Mar e praia
<p>Oxalá</p> 	Jesus Cristo N.Sr.do Bonfim	Ar	Criação; Paciência; Sabedoria	Todos os lugares
<p>Erê/Ibeji</p> 	Cosme São Damião		Espíritos infantis	

Imagens disponíveis em: < [www.mestrezul.com](http://www.mestrezul.com) >, < [www.rbu.com](http://www.rbu.com) >, < [www.paubrasil.it](http://www.paubrasil.it) >, < [www.orixás.com.br](http://www.orixás.com.br) >. Pesquisada em 10 de set. 2008.

### Como surgiram e organizaram os terreiros de Candomblé:

Os terreiros, de Candomblé são, antes de tudo, um espaço físico que, vai além da relação transcendental e espiritual tornavam-se também em espaço ideológico, carregados de ações políticas e socioculturais, como por exemplos, estabelecer estratégias de sobrevivência e, na época da escravidão, de projetos de liberdade.

A estrutura do espaço físico do culto:

- O templo de Candomblé é tão digno de respeito como qualquer outro, seja ele edificado ao ar livre em contato com a natureza, ou em santuários individuais, salões públicos para festas ou locais para as iniciações religiosas, podendo ser chamado de terreiro, roça, casa-de-santo e outros.
- O santuário é o espaço destinado à guarda, fixação, atribuição e perpetuação do axé, estando situado num conjunto de elementos materiais e mágicos.
- Peji é o termo mais usual para designar o santuário ou conjunto de santuários, e entre este, são incluídos os assentamentos – espaços internos sagrados, reservados aos orixás, com exceção de certas divindades como o Exu e Ogum, que colocados em altares externos, como forma de proteção aos terreiros.
- O assentamento é a representação viva do orixá pertencente, segundo a concepção do povo de Candomblé; por isso, tem que ser nutrido com diferentes tipos de alimentos , de acordo com a preferência alimentar de cada divindade. Os sacrifícios de animais, cujo sangue fomentará o axé e fortalecerá os papéis de cada integrante do terreiro.

A organização do espaço físico dos terreiros - ao reunir em um mesmo espaço o local de moradia e de culto, pode ser genericamente uma reprodução da dos padrões africanos de habitações coletivas, principalmente entre os iorubas, que são chamadas de egbes ou compounds – conjunto de casas que se acumulam umas contra as outras e muitas vezes se interconectam, possuem quartos de tamanhos distintos, abertos em geral para pátios e varandas. O pátio do compound é dedicado a um deus (Exu) que garante a proteção espiritual, somado as outras divindades internas dos núcleos familiares. Os mortos eram sepultados e cultuados no interior do compound. Assim simultaneamente nos terreiros; os orixás com seus quartos individuais, o culto aos mortos também permaneceu no quarto de balé ou de egum(espírito dos mortos) e barracão, local de festas públicas, onde reproduz o pátio interno do compound.

### **Famílias-de-Santo e questão sucessória dos Terreiros:**

A Família-de-santo foi à forma de organização que estruturou os terreiros, onde africanos e seus descendentes se reuniam, estabelecendo vínculos entre si,

baseados em laços consangüíneos e laços de parentesco religioso; além de irmanar os iniciados, expande para outros terreiros “parentes” de uma mesma família fundadora.

Cada terreiro de Candomblé é uma família hierarquizada, onde a figura central é titulada de mãe-de-santo ou pai-de-santo.

A morte de uma dessas figuras, abre sempre uma guerra sucessória. Na sucessão, é importante o critério de senioridade dos candidatos, seu grau iniciático, seu nível de conhecimento sacerdotal. Mas isso não é suficiente. O resultado da escolha depende da tradição sucessória da casa, do jogo político entre os membros que pleiteiam o cargo, da situação jurídica do terreiro (propriedade) entre os herdeiros legais, que podem querer ou não o cargo, mas sim, só a propriedade imobiliária. Em geral, as casas não sobrevivem ao seu fundador; e provável formação de novas casas pelos seus dissidentes. Como exemplo; os terreiros de Gantois e do Axé Opô Afonjá, originários da Casa Branca do Engenho Velho, que é a grande matriz cultural do Candomblé, fundado em meados do século passado e considerado o primeiro.

Em alguns terreiros, a sucessão se faz preferencialmente de mulher para mulher. O Candomblé de Gantois sempre foi dirigido por mulheres, até recentemente na direção do Gantois, Escolástica Maria da Conceição Nazaré – conhecida como mãe Menininha, a mais famosa e venerada mãe-de-santo de todos os tempos.

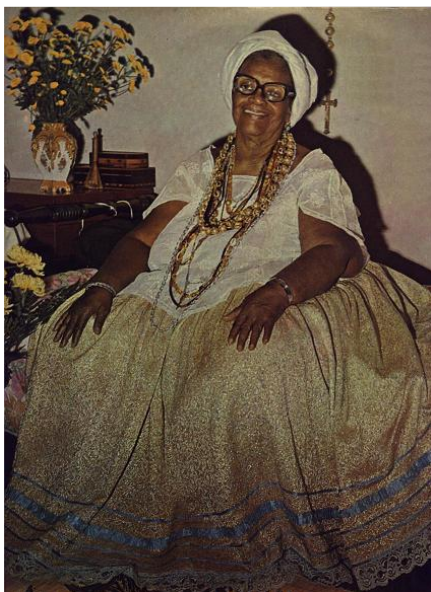


Figura 7: Mãe menininha de Gantois



Figura: 6: As mulheres em cerimônia do Candomblé

## **Adesão do Fiel – Iniciação: um caminho sem volta:**

O Candomblé é uma religião iniciática e de possessão extremamente ritualizada. Para a sustentação social e religiosa do candomblé, torna-se imprescindível a adesão de novos fiéis, geralmente jovens, para garantir a continuidade do axé, ou seja, do conjunto de providências que fazem a vida religiosa do terreiro; e o compromisso estabelecido na iniciação é irrevogável.

O iniciado/noviço, uma vez passando pelos ritos iniciáticos, ele é confinado, então, ao roncó, onde permanecerá isolado do mundo externo e aprendendo uma série de ritos litúrgicos. Antecedendo o estado de iaô, o iniciado é conhecido como abiã e deverá revelar que possui aptidão para o estado de santo, ou seja, qual orixá deseja ser feito, a partir, desse momento receberá suas primeiras insígnias, formadas de fios de contas nas cores dos seus deuses tutelados.

O segundo momento da entrada da abiã no axé, é o ritual do bori, que consiste no oferecimento de comida a sua cabeça (ao ori), com o objetivo de fortificá-la para receber o orixá. Inúmeros banhos rituais também são realizados como purificação da abiã.



**Figura 8: Oro: cerimônia de assentamento, quando o iniciado(abiã) tem a sua cabeça depilada, passando para o estágio de iaô**

O grande e primeiro sinal da passagem da abiã para iaô, é o orô, que é a cerimônia de assentamento do orixá, quando o iniciado tem a sua cabeça depilada e são sacrificados os animais correspondente ao orixá que está sendo assentado. Nesse importante ritual, a cabeça do iniciado recebe sangue dos animais sacrificados, relacionando o corpo do iniciado com os símbolos dos orixás, unindo elementos diferentes de uma única realidade: o orixá.

A saída do iaô marca a apresentação do iniciado à comunidade, com a realização de uma grande festa pública, que termina com o ajeum (degustação ritual), quando as comidas feitas com as carnes dos animais sacrificados são servidas aos presentes.

O tempo decorrido depois da feitura é um fator que permitirá ao iniciado ascender na hierarquia do terreiro, podendo mesmo chegar ao cargo de pai-de-santo e/ou mãe-de-santo, ou abrir seu próprio terreiro, iniciando novos adeptos.

### **Sincretismo e/ou Paralelismo Africano?:**

Afirmar que na essência dos rituais religiosos do candomblé existe um sincretismo total, seria descaracterizar as matrizes originais das nações étnicas africanas, o que pode ser afirmado, é que existe paralelismo entre os orixás e santos católicos, e que também existe mistura de certos rituais da missa com os cultos, pelo povo-de-santo.

Na verdade, quando analisamos os ritos religiosos, percebemos que todos os sistemas religiosos baseiam-se em categorias do pensamento mágico que fascina os fiéis, como por exemplo: a celebração da missa que é carregada de atos simbólicos e/ou mágicos (as bênçãos, a transubstanciação, aspergir água benta, a purificação dos incensadores, velas acesas, preces poderosas para afastar os maus espíritos e também as missas fúnebres, etc.) tanto quanto um ritual de Candomblé ou da Umbanda.

Por meio do sincretismo africanizamos os santos católicos e os deuses indígenas e santificamos os orixás, voduns, inquices, caboclos. Mas a presença do sincretismo não descaracteriza a tradicionalidade e virtudes dos Cultos Afros. E muitos adeptos dos Cultos Afros, reconhecem nitidamente os limites entre o santo católico e o deus africano.

### **As Festas Públicas/ as Liturgias dos Terreiros:**



Figura 9: As Festas são momentos de extrema reverência aos orixás

As festas são momentos fundamentais de extrema reverência aos orixás, são, portanto, momentos esperados com ansiedade pelo povo-de-santo, isto é simboliza o período no qual os orixás descem à Terra, no corpo de seus filhos tutelados para dançar, representando mitos e distribuir

o seu axé , por meio de movimentos, sons, sabores, cores e palavras e gestos que são as várias formas de seu conteúdo.

As festas funcionam também como uma vitrine pública da religião – ao som da música vocal e instrumental, o povo-de-santo se orgulha da beleza de suas roupas, da dança de seus orixás, do sabor da comida que serve, da execução perfeita dos tambores por seus alabês.

Para os que assistem às festas, como convidados, elas podem ser consideradas como um verdadeiro espetáculo sagrado musical, como:

- A música ritual (cantiga) – ela dá forma a conteúdos que não podem ser expressos em outras linguagens e tem funções ordenadoras muito claras, das palmas em seqüência rítmica(paó) ao toque(xirê).
- A dança, não é uma simples coreografia, ela caracteriza o momento de transe, em que os adeptos sutilmente incorporam gestos, passos, movimentos e linguagens, traduzindo a personalidade do deus tutelar (Ogum guerreando; Oxóssi caçando; Iansã espantando os eguns; Ogum a sensualidade e suavidade feminina; Oiá os passos rápidos, fluidez do vento; etc.)
- A orquestra do Candomblé é formada por três atabaques: o maior,rum; o médio,rumpi; e o pequeno, lê. Os atabaques percutidos com os aguidavis (varetas) identificam os terreiros kêtú e jeje; e percutir com as mãos identificam os terreiros angola-congo e caboclo. Os atabaques são utilizados para enviar e receber mensagens espirituais, sua utilização é reservada aos alabês, considerado um orador e um comunicador das mensagens sagradas. Findo o



**Figura: 10** Atabaques: o maior – rum, o médio – rumpi, e o pequeno – lê

toque, os atabaques são cobertos por um pano branco, indicando o fim da música, é também o fim da festa, permanecendo assim sob a proteção de Oxalá.



As festas também marcam a passagem do tempo para o povo-de-santo. O “ano litúrgico” do Candomblé é organizado de acordo com a realização das festas dos orixás e estes comemorados paralelamente aos santos católicos. Sendo assim, a vida nos terreiros é uma permanente produção da festa, das horas de xirê e de muito axé!

### **Vocabulário: “A língua do Candomblé, religião e resistência cultural”**

- Abiã – freqüentador ou simpatizante do terreiro que ainda não foi iniciado.
- Adés – Coroas de contas com franjas que cobrem o rosto, simboliza o poder teocrático dos descendentes dos lorubas.
- Assentamento – Conjunto de objetos (pratos, ferro, búzios, pedra etc.) que representa o orixá.
- Atabaque – Instrumento de percussão usado na orquestra das cerimônias do Candomblé.
- Axé – Energia vital, força mágica, espiritual; elemento dinâmico da natureza. Todos os indivíduos têm um axé individual e cada terreiro tem um axé também especial.
- Axexê – cerimônia fúnebre do Candomblé de rito nagô.
- Babalaô – Adivinho; praticante dos jogos divinatórios.
- Babalorixá- Sacerdote, o mesmo que pai-de-santo.
- Bori – Ritos para o fortalecimento espiritual da cabeça (ori) de uma pessoa.
- Candomblé – Termo de origem banta que significa culto ou invocação.
- Cauris – conchas, usadas no processo de adivinhação no jogo de búzios.
- Descarrego – Ritos (banhos, passes etc.) que visam afastar as energias negativas e abrir os caminhos de uma pessoa.
- Despacho – Oferenda alimentar ou sacrifício de animal feitos em homenagem a divindades para obter sua ajuda e proteção na solução de problema.
- Egum – morto; ancestral; pessoa que atingiu o status de pertencer ao elenco de divindades cultuadas. O egum distingue-se do orixá por ser um tipo de retorno ao mundo da natureza, enquanto o orixá é a própria natureza, significando basicamente vida. O egum é cultuado em um local especial,

como no quarto de balé no terreiro de Candomblé ou em terreiro dedicado especialmente ao culto de antepassados, chamados de egungum.

- Ilê Ifé – Terra, o que é vasto, o que se alarga, segundo a concepção ioruba, foi criada por Olodumaré ou Olorum.
- Inquice – divindade, categoria de ser divino; termo empregado nos Candomblés das nações angola e angola-congo.
- Iaô – Iniciado do Candomblé até o sétimo ano.
- Ialorixá – Mãe-de-santo.
- Nagô – Proveniente da tradição ioruba.
- Oduduá – chefe político, fundador do reino ioruba.
- Ogã – Homem que não entra em transe e que ocupa cargos honoríficos.
- Ogã alabê – Tocador de atabaques no Candomblé.
- Ogã axogum – Pessoa encarregada do sacrifício ritual de animais no Candomblé.
- Ogã pejigã – Pessoa encarregada dos altares do terreiro.
- Peji - Lugar ou altar onde são colocados e cultuados objetos sagrados das divindades do Candomblé.
- Quelê – Colar de contas usado rente ao pescoço, durante algum tempo, como símbolo da recente iniciação.
- Roncó - Quarto onde são realizadas os rituais privados da iniciação.
- Vodou – Nome pelo qual são conhecidas as religiões de origem africana no Haiti. Popularmente designa feitiço, trabalho, magia feita para prejudicar alguém.
- Vodum – Nome genérico das divindades no terreiro de rito jeje.

## REFERÊNCIAS

CADERNOS TEMÁTICOS – educando para as relações étnico-racial, SEED/PR, 2006.

DIRETRIZES CURRICULARES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO, SEED/PR, 2008

GOMES, Nilma L. **Cultura Negra e Educação**. Revista Brasileira de Educação Rio de Janeiro, nº23, 2003. (Apud ou Et Al).

IMAGENS/FIGURAS disponíveis em: < [www.mestreazul.com](http://www.mestreazul.com) >, < [www.rbu.com](http://www.rbu.com) >, < [www.paubrasil.it](http://www.paubrasil.it) >, < [www.orixás.com.br](http://www.orixás.com.br) > < [www.africanasraizes.com.br](http://www.africanasraizes.com.br) > .Pesquisada em 10 de set. 2008.

LODY, Raul. Candomblé – **Religião e Resistência Cultural**, Editora Ática, 1987. (Série Princípio.)

MURRAY, Jocelyn. **Grandes Impérios e Civilizações – África**, Edições Del Prado, 1997 (Madri.)

REVISTA CANDOMBLÉ – **Mitos e Lendas**, Editora Minuano, 2008.

REVISTA HISTÓRIA VIVA. **Grandes Religiões – Cultos Afros**, Editora Duett, 2007.

SILVA, Alberto da Costa. **A Enxada e a Lança – A África antes dos Portugueses**, Editora Nova Fronteira, 1996, 2ª Edição.

II SIMPÓSIO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO BRASILEIRA E AFRICANA, SEED, 2007. ( Apud ou Et Al).